

EDITORIAL

A espiral continua a ascender

Giovana Eloá Mantovani Mulza¹

Matheus Barrientos Ferreira²

No bojo das formulações que deram origem à obra “Ciência Nova” (1725), o filósofo italiano Giambattista Vico trouxe à tona uma discussão sobre o *tempo*. Durante séculos, os pensadores e eruditos das mais variadas culturas humanas haviam formulado duas importantes noções de tempo: uma linear ou outra circular. O tempo linear pressupunha que a humanidade caminhava em constante progresso ou retrocesso, tal como uma flecha disparada que inevitavelmente acertará o próximo banquete ou a amada que cairá desfalecida. Haveria um início, um desenvolvimento e um fim - positivo ou negativo. O tempo circular, por sua vez, havia sido partilhado por diversos povos em variados cenários históricos. Pressupunha um eterno retorno ao ponto inicial, segundo o qual todos voltariam às origens após uma grande devastação apocalíptica. Sempre haveria um dilúvio ou um grande incêndio que conduziria a espécie humana para seus primórdios.

Ambas as noções, por sua vez, pareciam limitantes para entender o mundo que aflorava no século XVIII. Para as luzes, a visão de uma flecha inexorável ou de um círculo auto-reprodutível parecia insuficiente para explicar as constantes oscilações que acompanhavam a trajetória humana ao longo dos tempos. Diante desse aparente impasse, Vico sugeriu uma saída baseada nas “geometrias de revolução dos astros”: a ideia de uma rotação completa de um corpo móvel à volta de seu eixo lhe parecia muito mais adequada. Para escapar dos dilemas da história-flecha ou da história-círculo, ela propôs uma figura helicóide, a qual realiza um duplo movimento de rotação à volta de um eixo e de translação ao longo desse eixo. Tratava-se de uma percepção de tempo semelhante a um espiral.

Ligando o fim de uma curva ao princípio de outra, a espiral pode reconciliar a repetição triste com a renovação alegre. O fim de um período traz em seu bojo a certeza de uma nova renascença que marca o surgimento de um novo ciclo. Assim, não seríamos obrigados a escolher entre uma concepção da irreversível fecha e a euforia de um perpétuo retorno. Em seu

¹ Doutoranda em História pelo PPH/UEM. Editora Chefe da *29 de Abril: Revista de História*.

² Doutorando em História pelo PPH/UEM. Editor Chefe Adjunto da *29 de Abril: Revista de História*.

“curso e recurso”, a história se encadeia de forma que os recomeços sempre ocorram em um novo nível acima dos anteriores. E, em cada ciclo, as memórias adquiridas nos períodos anteriores fornecem referências aos sujeitos do presente para lidar com seus pontos. Não há um fim ou um retorno, mas uma espiral ascendente que garante um sentido de avanço geral para a humanidade, mesmo que alguns problemas se repitam.

É evidente que Vico estava se referindo ao movimento da história humana e suas ideias tornaram-se basilares para a fundação da ciência histórica nas décadas seguintes. No entanto, subjaz em sua proposta uma reflexão que se enquadra com o atual momento vivido pela **29 de Abril, Revista de História**, na qual os ciclos se encerram e se reiniciam em espiral. Em junho de 2025, o professor Drº Rodrigo dos Santos deixou a revista e a nova chefia iniciou uma nova etapa de consolidação e reorganização. A partir do legado deixado e pela memória dos que vieram antes, a atual gestão vem se preocupando em promover um contínuo avanço, ainda mais empenhada em democratizar o conhecimento e contribuir com a difusão dos saberes históricos. Os novos Editores-Chefes dedicam-se a realizar uma renovação que caminha de forma ascendente sem esquecer das chefias do passado e da importância dos ciclos anteriores. A presente edição que se apresenta ao leitor é fruto desse empenho coletivo, feito por várias mãos e herdeira de vários nomes. A todos aqueles que nos sucederam e nos permitiram estar nesse estágio tão importante da espiral, nossa sincera gratidão. Faremos jus ao empenho de vocês em tornar a **29 de Abril, Revista de História** em um periódico de referência na área da História.

A presente edição reúne um número recorde de 15 trabalhos. Trata-se de um marco histórico alcançado pela **29 de Abril, Revista de História**, cuja equipe dedica-se constantemente a aperfeiçoar e a consolidar o periódico. A seção “Artigos Livres” é aberta com o trabalho “**A Expansão do mal: O século XX pela óptica dos exorcistas**” de Davi Silva Franco. No artigo, o autor busca analisar um conjunto de livros escritos por padres exorcistas entre 1990 e 2010 na Itália com o intuito de verificar como esse grupo católico interpretou as várias transformações históricas, sociais e culturais vividas no século XX. Sua grande contribuição é demonstrar como essa “expansão do mal no século XX” é denunciada pelos padres que criticavam as transformações da vida moderna. Em seguida, contamos com o artigo de Jaciel Rossa Valente intitulado “**Experiência e expectativa de *Eichmann em Jerusalém*: contribuições para a investigação de uma política de memória arendtiana**”. Trata-se de um trabalho que almeja abordar a política de memória de Hannah Arendt, tomando como fonte principal o livro *Eichmann em Jerusalém*, de 1963. Partindo de uma perspectiva koselleckiana

de espaço de experiência e horizonte de expectativa, Jaciel Rossa Valente reconstrói os sete estratos da fonte.

Em **“Uma reação conservadora no campo intelectual: a Fundação da Promoção Social (FPS) e o Recife da década de 1960”**, Luiz Felipe Batista Genú analisa a participação de intelectuais nas disputas políticas em Pernambuco na década de 1960, contemplando as reações do campo conservador à implementação do Fundação da Promoção Social (FPS). Ao problematizar as fontes jornalísticas e os documentos governamentais da época, a proposta do autor é altamente inovadora. Outra contribuição de grande importância é delineada pelo artigo de Flávia Santos Arielo e Gabriela Ferreira Lima nomeado **“Ensino de História da África no Brasil: possibilidades didáticas a partir das Histórias em Quadrinhos ‘Angola Janga’ e ‘Cumbe’”**. Nele, as pesquisadoras defendem a aplicabilidade e os benefícios do uso de histórias em quadrinhos (HQs) como recurso didático no ensino de História da África no Ensino Médio, com foco nas obras *Angola Janga* e *Cumbe*, de Marcelo D’Saete. Ao final, o trabalho indica que, embora presentes nas escolas, seu uso ainda é limitado, evidenciando a necessidade de formação docente para práticas que valorizem narrativas visuais, diversidade e abordagens plurais da história afro-brasileira.

8

A seção “Artigos Livres” é encerrada com o trabalho de Heitor dos Santos Rodrigues, denominado **“A Antiguidade como ferramenta colonial no Norte da África: os usos do passado na criação do Projeto do Mar Interior do Saara (1874-1883)”**. Ao recuperar os usos do passado no projeto de criação do Mar Interior do Saara, idealizado por François Élie Roudaire entre 1874 e 1885, Heitor dos Santos Rodrigues demonstrou como as fontes clássicas serviram como instrumento de legitimação de um empreendimento colonial. A principal inovação do autor está em apontar como o projeto foi influenciado por uma corrente de geógrafos, militares e exploradores interessados nas fontes clássicas, em especial, na menção de Heródoto ao Mar Tritão.

Posteriormente, a seção “Primeiros Passos” reúne um conjunto de três trabalhos que, embora escritos por graduandos em coautoria com seus orientadores, demonstram um alto grau de maturidade historiográfica. Em **“Em nome da pátria e da família: a educação feminina nas páginas da revista ‘Futuro das Moças’ (1917-1918)”**, Thaíssa Koller Freitas e Vanderlei Sebastião de Souza analisam o debate sobre educação feminina nas páginas da revista carioca “Futuro da Moças”, entre 1917-1918, buscando entender como os discursos sobre o futuro do Brasil passavam pela educação das mulheres. Ambos demonstraram como a Primeira Guerra

Mundial influenciou o surgimento do sentimento patriótico na sociedade brasileira e impactou o papel das mulheres. Em seguida, contamos com o artigo de Filipe França Neves de Oliveira e Thiago Vinícius Mantuano da Fonseca intitulado **“Seminário de Fontes e Métodos: Uma abordagem metodológica e o uso de acervos digitais”**. O trabalho busca expor o desenvolvimento e a aplicação de uma atividade prática de fontes e métodos a uma turma de Pesquisa Histórica I, consistindo em uma importante contribuição para o campo do Ensino da História.

A seção “Primeiros Passos” é finalizada com o trabalho **“Relações étnico-raciais e descolonização do conhecimento na escola: uma experiência pibidiana”**, de autoria de Larissa de Souza Inácio Brandão e Elaine Ribeiro da Silva dos Santos. O artigo visou discutir as temáticas étnico-raciais no ambiente escolar, evocando o conhecimento produzido junto ao projeto PIBID História da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). As pesquisadoras abordaram a Lei 10.639/03 e a importância da descolonização do conhecimento a partir do reconhecimento da relação dos problemas do presente impostos pelo racismo estrutural ligados com o passado da cidade sul mineira de Alfenas.

Finalmente, a seção “Resenhas” apresenta uma volumosa série de sete trabalhos. Em **“Das margens para o centro: Mulheres marginalizadas no centro da pesquisa”**, Larissa Barbosa Costa analisa “Das Margens: lugares de rebeldia, saberes e afetos”, livro organizado pelas doutoras Ana Maria Veiga, Vânia Nara Pereira Vasconcelos e Andréa Bandeira, o qual discute temáticas como trabalho, saberes, vida afetiva, dificuldades e desafios relacionados às mulheres sertanejas. Em seguida, Alexia Henning aborda o livro “O Pacto da Branquitude”, de Cida Bento, em **“Branquitude em questão: Reflexões sobre o livro de Cida Bento”**. Em sua resenha, a autora recupera conceitos fundamentais de Cida Bento para entender as relações entre negros e brancos, marcadas pela dominação política, cultural e econômica.

A terceira resenha é de autoria de Nicole Luna de Oliveira e se intitula **“Lutar pela floresta, lutar pela vida: ecologia política no Brasil contemporâneo”**. Imerso no crescente campo da História Ambiental, o trabalho objetivou analisar o livro “Lutar com a Floresta”, de Felipe Minalez, um importante marco no debate ambiental. Em sequência, o historiador Neles Maia da Silva em **“Formação de sentidos através da cultura: história e vida prática”**, apresentou uma interessante análise da obra “Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã”, Jörn Rüsen. O autor enfatiza como Rüsen é capaz de demonstrar as sociedades constroem sentido culturalmente, explorando a relação entre passado, presente e futuro. Uma

importante análise é feita pelo pesquisador Guilherme Abizaid David em **“O extremismo em perspectiva: da formação da mentalidade à elaboração de contranarrativas”**. Resenhando a obra “Extremism: a philosophical analysis”, do filósofo britânico, nascido no Quênia, Quassim Cassam, Guilherme Abizaid David problematiza como Cassam abordou conceitos como “extremista”, “fanático” e “fundamentalista” a fim de distingui-los e dotá-los de sentido mais consciente.

Em **“Heim ins Reich: apontamentos acerca das políticas de migração e do retorno de ‘alemães do exterior’ durante o regime nazista”**, a historiadora Maria Rita Chaves Ayala Brenha aborda criticamente o livro “‘Retorno à pátria alemã’: migrações de retorno do Brasil para a Alemanha sob o nazismo (1938-1939), de Méri Frotscher. Em sua análise minuciosa da obra, a autora recupera diferentes fundos e coleções de documentos para evidenciar a importância e a densidade das entrevistas reunidas Méri Frotscher. Por último, a seção “Resenhas” conta com o trabalho intitulado **“História da morte e reflexões contemporâneas sobre o luto”**, de autoria de Fabiana Alves Dantas. Dedicada a resenhar o livro “Três lições da história da morte”, de Juliana Schmitt, a historiadora se atenta sobretudo para as reflexões sobre a maneira de lidar com a morte e o luto na contemporaneidade apresentadas na obra.

10

Em conjunto, os 15 trabalhos compreendem avanços expressivos na ciência histórica. Agradecemos imensamente aos pesquisadores que submeteram seus artigos, enriquecendo esta edição com suas valiosas contribuições. Reiteramos nosso profundo reconhecimento à equipe dedicada que compõe a revista **29 de Abril: Revista de História**, cujo trabalho incansável torna possível a concretização de cada edição. Por fim, estendemos nossa gratidão aos leitores, cujo apoio e interesse são a força motriz que nos impulsiona a continuar produzindo ciência no Brasil.

A espiral continua a ascender.

Dezembro/2025.